

O fenômeno da cognição social a partir da análise do episódio “Queda Livre” da série

Black Mirror

Maria Eduarda de Melo¹, Maria Eduarda Jaruzo Moraes²

¹⁻²Graduanda de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O artigo propõe analisar o episódio ‘Queda Livre’ da série *Black Mirror* com base na cognição social. Teve por objetivos investigar o fenômeno da cognição social manifestado no contexto das relações humanas nas redes sociais durante a fase adulta, identificar a constituição da percepção social e sua relação com pré-conceitos, investigar a relação da influência social nos comportamentos de tomada de decisão, identificar o processo de construção do autoconceito na comparação dos estilos de vida nas redes sociais, descrever do papel da motivação extrínseca modulada pelos comportamentos de avaliação nas amizades e caracterizar a seletividade perceptiva nas relações de amizade. Para isso, foi realizada uma observação analítica e crítica do episódio ‘Queda Livre’ da série *Black Mirror* (Netflix). Concluiu-se, por meio da análise, que as redes sociais possuem grande poder de influenciar a forma como o indivíduo percebe os outros e a si mesmo e quais os aspectos ele percebe também. Além disso, constatou-se que as redes sociais possuem o potencial de influenciar os comportamentos por meio das comparações com estilos de vida nela expostos, como a autoestima.

Palavras-chave: cognição social; redes sociais; subjetividade; Pandemia.

Introdução

A evolução da comunicação em massa foi um fato histórico decisivo para a humanidade atingir o estado de globalização que vive hoje. A princípio, as clássicas teorias da comunicação apontavam para um cenário em que o receptor era passivo, em virtude de sua inserção em um contexto no qual grandes empresas dominavam a esfera comunicativa e determinavam o que seria ou não divulgado (Silveira, 2004). No entanto, com o advento da internet, essa lógica foi superada, visto que o receptor pode interagir com um transmissor - não mais assumindo a posição de passividade -, bem como a informação se diluiu e deixou de estar sob um único domínio (Castells, 2003). Dessa forma, aquilo que era apenas uma ferramenta de trabalho e de informação torna-se um meio de socialização, lazer e entretenimento, constituindo, com isso, o próprio sujeito.

Tendo isso em vista, de acordo com Chambers (2013, citado por Ricarte, 2020), a pandemia de COVID-19 proporcionou uma modificação nas relações de intimidade, uma vez que essas passam a ser quase que exclusivamente mediadas pelo uso de tecnologias da comunicação. Sendo assim, com o prolongamento da permanência em casa, as redes sociais passaram a despertar uma série de demandas nos sujeitos, tais como: dependência virtual, carência emocional e necessidades psicológicas - essas últimas principalmente em jovens, para os quais as redes sociais se transformaram em uma espécie de “casulo acolhedor” (Alves et al., 2020).

Posto isso, percebe-se a importância de pensar a emergência dessas novas relações intersubjetivas que se vê surgirem no contexto das redes sociais e suas reverberações para o âmbito da cognição social. Ademais, ressalta-se também que, a partir de buscas nas principais bases de dados (SciELO, Google Acadêmico e Lilacs), verificou-se a inexistência de estudos

que correlacionam a cognição social ao uso das redes sociais, o que deixa clara, novamente, a necessidade de estudar essa relação, já que as mídias digitais estão cada vez mais presentes tanto no cotidiano brasileiro, quanto no das demais nacionalidades, inclusive, como parte constitutiva da cognição social do sujeito.

A sociedade contemporânea

De acordo com Oliveira e Machado (2021), a sociedade capitalista apresenta como característica fundamental o incentivo à cultura do consumismo, sendo os indivíduos definidos pelos bens que consomem. Esse aspecto, além de favorecer uma série de vulnerabilidades e exclusões sociais (Santos & Oliveira, 2019, citado por Oliveira & Machado, 2021), torna os sujeitos inseridos nessa lógica frágeis e inseguros, na medida em que passam a viver de forma superficial ao se valerem de tecnologias e mercadorias para construir múltiplas identidades com o objetivo de se esconderem e, ao mesmo tempo, obterem satisfações (Oliveira & Machado, 2021).

Tendo isso em vista, Debord (1967, citado por Oliveira & Machado, 2021) desenvolve o conceito de “sociedade do espetáculo” para se remeter a tal sistema, no qual consumo e capital se apresentam como sinônimos de satisfação. Nessa perspectiva, as mercadorias permitem a criação de uma imagem a ser apresentada ao meio social, bem como a composição do imaginário do próprio indivíduo, onde consta o papel que esse deseja representar (Tostes & Sanches, 2016, citado por Oliveira & Machado, 2021). Dessa forma, a vida se transforma em uma espécie de “show” e as interações interpessoais se baseiam no culto ao exterior dos indivíduos (Oliveira & Machado, 2021), de modo a torná-los alienados e reduzi-los a sua própria imagem (Debord, 1967, citado por Oliveira & Machado, 2021).

Portanto, apoiada na lógica da sociedade do espetáculo, verifica-se na sociedade

capitalista contemporânea a presença de uma obrigatoriedade pela adequação aos padrões socialmente instituídos como condição para o acesso à determinados espaços e que, caso não sejam atendidos, transformam-se em obstáculos para as relações interpessoais, bem como para o olhar que o sujeito tem de si (Oliveira & Machado, 2021). Nesse sentido, a fim de seguir com a espetacularização da vida, preza-se pela constante exibição do eu (Baquit, 2015, citado por Oliveira & Machado, 2021) e as relações são orientadas pela filosofia de que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, citado por Oliveira & Machado, 2021, p. 2664).

A Cognição Social

A cognição social se configura como um elemento crucial para a constituição do autoconceito e interpretação dos ambientes sociais nos quais os indivíduos se encontram inseridos (Rodrigues et al., 2009). De acordo com Rodrigues et al. (2009), tal processo atravessa as relações interpessoais, uma vez que a socialização se dá pela permuta de estímulos sociais que permite que os sujeitos captem e processem informações para a formulação posterior de julgamentos, sendo esses últimos influenciados por tendências, esquemas sociais e heurísticas. O autor acrescenta, ainda, que os indivíduos rotulam uns aos outros e discriminam-se com base nas características que lhe são apresentadas. Assim sendo, o objetivo da Cognição social é compreender a forma com que os indivíduos interpretam e pensam as experiências sociais e o mundo (Nolen-Hoeksema et al., 2012).

De acordo com Rodrigues et al. (2009), existem alguns fatores que influenciam na significação de ambientes e pessoas, um deles é a seletividade perceptiva. Esse fenômeno se baseia no fato de que apenas parte das informações recebidas pelos órgãos sensoriais são processadas, como por exemplo, não perceber os sons ao fundo quando se está focado em

uma explicação. Nas relações sociais existe distinção parecida, uma vez que há uma tendência em observar características negativas em pessoas já taxadas com características indesejáveis ao mesmo tempo que as qualidades são mais notadas em pessoas consideradas como amigas.

Nesse sentido, o que trará significado e sentido para os contextos e os outros sujeitos é aquilo denominado como percepção social. Segundo Rodrigues et al. (2009), esse processo é baseado na primeira impressão acerca do sujeito percebido e nos esquemas constituídos, os quais dizem respeito ao sistema de crenças e julgamentos pré-estabelecidos acerca das características pessoais de alguém. Em vista disso, vale observar a forma com que o indivíduo controla a forma com que é percebido pelos outros por meio do gerenciamento de impressão.

De acordo com Leary et al. (1994), as pessoas mostram apenas partes de si e ocultam outros aspectos com o intuito de formar uma determinada impressão no outro. Sendo que, majoritariamente objetiva-se uma impressão positiva, no entanto, também é possível que o indivíduo deseje causar uma percepção negativa. É importante salientar que o gerenciamento de impressão é primordial para o bom funcionamento social, pois é por meio dele que os indivíduos percebem as intenções, personalidades, preferências e estados emocionais. No entanto, os autores (Leary et al., 1994) reiteram que a falha nesse processo é inevitável e a consequência disso é o constrangimento e a angústia.

Além disso, a percepção social também é constituinte do autoconceito. Apesar de parecer uma concepção formada no campo da subjetividade privada, o autoconceito é demasiadamente influenciado pelo social, principalmente, ao levar em conta que o mesmo é composto pela comparação e esse fenômeno se mostra relevante em diversas ocasiões sociais (Rodrigues et al., 2009). Além disso, os autores ressaltam que a formação do autoconceito é

bastante similar à percepção do outro e que algumas ações que caracterizam esse processo são a auto-observação e a autoavaliação dos comportamentos.

Outro importante componente do autoconceito é a motivação. Deci (1975, citado por Rodrigues et al., 2009) fala a respeito dos tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. Sendo a primeira referente às razões internas e, a segunda, à presença de recompensas externas. De acordo com Lira e Silva (2015), a motivação intrínseca é assim categorizada quando não existe causa aparente para a ação, com isso, ela está relacionada aos desejos internos do indivíduo e à realização pessoal. Por outro lado, a motivação extrínseca é controlada por fatores do ambiente (Ribeiro, 2011), como o salário, boas notas, melhores avaliações nas redes sociais, entre outros.

Redes sociais, *likes* e influência social

De acordo com Van Dijck (2013, citado por Montardo, 2019), para além de serem plataformas que propiciam a participação dos usuários acerca de interesses comuns, as redes sociais se mostram como sistemas capazes de projetar e manipular conexões. Nesse sentido, os chamados *likes*, utilizados nesse ambiente, constituem-se em uma forma de julgamento por meio do qual o usuário decide o que passará ou não por seu crivo crítico (Brunelli et al., 2019). Isso porque, através de tal artifício, os indivíduos demonstram sua aprovação publicamente frente ao conteúdo que lhes aparece, convertendo-se, por sua vez, em uma moeda capaz de dar status ou marginalizar pessoas (Brunelli et al., 2019). Com isso, a conectividade se transforma em um valor quantificável (Van Dijck, 2013, citado por Montardo, 2019), de modo que a popularidade no ambiente virtual se traduz em influência, autoridade e reputação (Montardo, 2019).

Atrelado a isso, as redes sociais, enquanto uma “espécie de vitrine do bem-estar virtual” (Brunelli et al., 2019, p. 227), qualificam-se por promover uma cultura de consumo,

na qual o impossível e a falsidade se tornam objetos de desejo (Brunelli et al., 2019), a fim de sustentar a notoriedade e validação que os *likes* oferecem. Sendo assim, preferências que em um primeiro momento parecem ser individuais, revelam-se, na verdade, moduladas por personagens construídos pela indústria cultural e que assumem o posto de referências a serem alcançadas – como é o caso de blogueiras *fitness*, por exemplo (Brunelli et al., 2019).

Simultaneamente, esses padrões disseminados no espaço digital corroboram com aqueles exibidos no mundo real, de forma que em ambas as esferas tais normas possuem uma predisposição a se tornarem ditatoriais, trazendo, com isso, consequências negativas para aqueles que não se enquadram nas expectativas socialmente estabelecidas – dentre as quais se destacam a baixa autoestima e a autodepreciação (Oliveira & Machado, 2021). Portanto, verifica-se que as redes sociais possuem uma função ativa na produção de ideais de existência, na medida em que esses são validados e reproduzidos pela sociedade (Oliveira & Machado, 2021) e de modo que aqueles que não atendem a essas perspectivas são desvalorizados e estigmatizados (Magno, Silva, Veras, Santos, & Dourado, citado por Oliveira & Machado, 2021).

Para o presente estudo das relações intersubjetivas que se vê surgirem no contexto das redes sociais e suas reverberações para o âmbito da cognição social, foi utilizado o episódio “Queda Livre”, da série britânica *Black Mirror* (Charlie Brooker, 2016), a qual permeia as relações humanas diante de uma realidade tecnológica intensa, estabelecendo diversas semelhanças com questões que permeiam a contemporaneidade. Dessa forma, entendendo que toda ficção existe para mostrar algo sobre a realidade, o presente artigo apresenta como objetivo geral investigar o fenômeno da cognição social manifestado no contexto das relações humanas nas redes sociais durante a fase adulta e como objetivos específicos a identificação da constituição da percepção social e sua relação com pré-conceitos; a investigação da

relação da influência social nos comportamentos de tomada de decisão; a identificação do processo de construção do autoconceito na comparação dos estilos de vida nas redes sociais; a descrição do papel da motivação extrínseca modulada pelos comportamentos de avaliação nas amizades e; a caracterização da seletividade perceptiva nas relações de amizade, a qual será realizada sob a luz do gerenciamento de impressão.

Método

Descrição do material utilizado para análise

Para o presente artigo utilizou-se um episódio da terceira temporada da série britânica “Black Mirror”, estreada em 4 de dezembro de 2011 e escrita por Charlie Brooker. O seriado é composto por 12 episódios dispersos entre as 5 temporadas, sendo que cada episódio é independente, ou seja, cada um possui personagens e enredos autossuficientes. Entretanto, todos os episódios possuem em comum a narrativa distópica e tecnológica. Ainda assim, mesmo se tratando de uma ficção, há certa proximidade com a realidade e com os comportamentos em relação à tecnologia. Nesse sentido, em entrevista para o jornal *The Guardian*, Brooker fala sobre os episódios da série: “eles têm tudo a ver com a forma como vivemos agora - e a forma como poderemos estar vivendo em 10 minutos se formos desajeitados” (Brooker, 2011, tradução livre).

Assim sendo, o episódio escolhido foi o intitulado “Queda Livre”, o qual entrou no ar em 21 de outubro de 2016 e retrata uma sociedade mediada pelas “avaliações” das redes sociais. O contexto ficcional é segregado com base na pontuação que os indivíduos possuem, ou seja, alguns serviços como passagens aéreas e aluguel de carros são exclusivos para aqueles que possuem uma determinada posição no ranking. Nesse sentido, os benefícios e punições também são pautados nessa pontuação. O episódio aborda assuntos como a busca

pela aprovação social, a sociedade espetacularizada e a modulação do comportamento pelo meio social.

Participantes

Os participantes analisados foram Lacie, Naomi e Susan, sendo as duas primeiras jovens adultas, enquanto que a última aparenta ser uma senhora com idade por volta dos 50 anos. Lacie é branca, solteira, de estatura mediana, olhos verde-claros e cabelo ruivo com franja acima da altura dos olhos. Aparenta fazer parte da classe média e costuma se vestir com roupas de cor, predominantemente, rosa pastel; além de manter seu cabelo preso em um rabo de cavalo. Ela apresenta personalidade sorridente, sensível e amigável, demonstrando uma constante necessidade de parecer agradável diante dos olhos dos outros.

Por outro lado, Naomi é branca, casada, de estatura mediana, cabelo loiro um pouco acima da altura dos ombros, olhos azuis com heterocromia e aparenta fazer parte da alta classe média. Veste-se com roupas de tons alegres e possui personalidade extrovertida, superficial, rude e vaidosa. Enquanto isso, Susan é branca, de olhos azuis, cabelos grisalhos na altura dos ombros e estatura não muito evidente. Aparenta fazer parte da baixa classe média e possui um estilo mais despojado, utilizando calças jeans, tênis e blusa largas de tons neutros. Apresenta uma personalidade ousada, prestativa, sábia e despreocupada, visto que, diferentemente de Lacie e Naomi, não se importa com o sistema de avaliações.

Procedimentos

Para realizar a análise do episódio, foram criadas quatro categorias de comportamento baseadas na cognição social no contexto das mídias digitais. O método foi a observação simples, a qual consiste na observação não-participante, ou seja, o pesquisador adota o papel de espectador e é alheio aos acontecimentos da cena em questão (Gil, 2008). Ambas as autoras assistiram ao episódio em questão e a análise se deu a partir das cenas selecionadas

com base na relevância para responder os objetivos do presente artigo.

Categorias de Comportamento

Comportamentos preconceituosos: Os comportamentos preconceituosos podem ser descritos como ações cuja motivação se dá por uma ideia pré-concebida a respeito de um indivíduo ou grupo (Mizael & Rose, 2017), sendo elas direcionadas, frequentemente, para minorias sociais.

Nesse sentido, tais comportamentos possuem como indicativos: a) expressões faciais de repulsa (lábios bastante contraídos, em uma espécie de sorriso forçado; olhos semi-abertos; narinas dilatadas; sensação de aversão ou ojeriza); b) tentativa de distanciamento do sujeito causador do sentimento de repulsa e; c) fala contendo estereótipos em relação ao mesmo.

Comportamentos tendenciosos nas relações de amizade: O comportamento tendencioso se apresenta quando há alguma intenção oculta (Oxford Languages, 2021). Nas relações de amizade, esse tipo de comportamento ocorre ao enxergar algumas ações enquanto ignora-se outras, como forma de “fechar os olhos” ao que é mais conveniente. Essa ação comumente se apresenta onde o indivíduo possui afetos ou interesses dirigidos ao outro, como por exemplo, em relacionamentos afetivos, de trabalho ou até mesmo nas amizades. Nesse sentido, nas relações de amizade, é comum enxergar apenas qualidade nos amigos e defeitos nos inimigos.

Alguns indicadores desse comportamento são a) a negação de fatos; b) o predomínio de determinada categoria de avaliação em relação ao outro - somente elogios ou apenas comentários negativos; c) expressões faciais que indicam dissimulação (olhos abertos, sobrancelhas arqueadas, cantos da boca voltados para cima) e; d) movimento de cabeça para os lados em sinal de negação.

A conformidade nos comportamentos de tomada de decisão: A conformidade é configurada quando um indivíduo é induzido a ter determinado comportamento, cedendo ao comportamento majoritário ou esperado (Asch, 1951). Nesse sentido, French e Raven (1959, citado por Rodrigues et al., 2009) categorizam alguns tipos de poder que fortalecem a conformidade, dentre os quais podemos citar:

Poder de recompensa: Esse poder acontece quando o sujeito envolvido age esperando que o outro lhe atribua algo de desejo. Esse fenômeno pode se expressar por meio do comportamento de gratificação, o qual possui como indicadores: a) aguardar a recompensa; b) incapacidade de se acalmar; c) olhar o celular repetidas vezes; d) expressões faciais indicando preocupação (sobrancelha franzida, olhos bem abertos, boca entreaberta, olhar apreensivo); e) contentamento (olhos entreabertos, cantos da boca voltados para cima, dentes à mostra, sobrancelhas relaxadas, mão no colo em sinal de surpresa) ao ser recompensada; f) mudança de postura que indica confiança (coluna ereta, peito aberto).

Poder de referência: Esse tipo de poder existe quando uma pessoa é entendida como referência para outra, seja de forma negativa, com efeito de repulsa e distanciamento, ou positiva, quando há o desejo de se aproximar da referência. Tal tipo de poder pode ser encontrado no comportamento de imitação, sendo seus indicadores: a) copiar gestos, expressões e/ou falas do indivíduo tido como referência; b) mudança de atitude para se distanciar ou aproximar do outro.

Comportamentos de baixa autoestima na comparação dos estilos de vida: A autoestima abrange os aspectos que compõem o indivíduo e que, caso sejam reduzidos, levam-no a se sentir diminuído (James, 1890, citado por Brunelli et al., 2019) – caracterizando a baixa autoestima. Essa redução das características individuais se dá em virtude do ato de o sujeito examinar a própria vida simultaneamente à vida de outra pessoa, a

fim de determinar semelhanças e diferenças entre ambas.

Dessa forma, os indicadores desse tipo de comportamento podem ser descritos como:

a) fala depreciativa com relação a si mesmo (utilizar expressões negativas para definir suas próprias habilidades e características internas e/ou externas); b) expressão facial triste (cantos da boca levemente voltados para baixo, sobrancelhas franzidas e olhos com lágrimas); c) compreensão de si como inferior (internalização da ideia de que os outros indivíduos são melhores do que o próprio sujeito) e; d) reconhecimento da necessidade de se parecer com os demais, a fim de conseguir possuir algum valor.

Resultados e Discussão

Em consonância com o tema levantado pelo presente artigo a respeito das relações entre o fenômeno da cognição social e as redes sociais, bem como com os objetivos estabelecidos, buscou-se demonstrar as implicações das interações no contexto virtual para a construção da subjetividade e dos indivíduos. Para isso, recorreu-se ao episódio “Queda Livre” da série ‘*Black Mirror*’, cujo foco incidiu sobre as personagens Lacie, Susan e Naomi. As cenas utilizadas foram separadas conforme as categorias produzidas no método.

Comportamentos preconceituosos

A partir da revisão de literatura, evidenciou-se que, na sociedade capitalista contemporânea, há uma obrigatoriedade para a adequação dos sujeitos aos padrões socialmente instituídos, os quais, caso não sejam atendidos, transformam-se em empecilhos para as relações sociais e acesso a certos espaços (Oliveira & Machado, 2021). Isso porque é com base nas características da mercadoria que os sujeitos alimentam ideias pré-concebidas e permeadas por estereótipos a respeito uns dos outros, o que acaba criando uma gama de

vulnerabilidades e exclusões sociais (Santos & Oliveira, 2019, citado por Oliveira & Machado, 2021), na medida em que as ações dentro das relações interpessoais passam a ser orientadas por tais concepções, constituindo, com isso, os chamados comportamentos preconceituosos.

Na utopia tecnológica de *'Queda Livre'* esse tipo de conduta pode ser observado em diversos momentos. No episódio em questão, a sociedade é organizada com base em um sistema de avaliações, no qual, por meio de seus celulares, as pessoas classificam umas às outras de uma estrela a cinco. Em virtude disso, percebe-se que os indivíduos transformam-se nas pontuações de seus perfis: são tratados em consonância com a pontuação acumulada até então, sendo que aqueles que possuem uma pontuação mais elevada são vistos de melhor forma e compreendidos como “valiosos”, tendo acesso a privilégios que os demais não possuem.

Com isso, instaura-se uma dinâmica relacional em que se deve tentar ser agradável ao máximo em suas interações com o objetivo de ganhar uma boa quantidade de estrelas e aumentar sua pontuação, bem como seguir à risca as normas socialmente instituídas. Em contrapartida, aqueles que não atendem a esses aspectos tornam-se alvos de comportamentos preconceituosos, já que são pré-concebidos como inferiores, antissociais ou até mesmo perigosos. Tais questões podem ser melhor ilustradas nas cenas descritas a seguir, as quais deixam às claras alguns desses comportamentos.

Percepção Social

Assim como a maioria dos personagens de *'Queda Livre'*, Lacie exprime uma preocupação contínua em se portar o mais agradável possível diante dos outros, a fim de receber avaliações elevadas que propiciem sua inserção no grupo das pessoas consideradas “valiosas”. Ainda que no início do episódio tal postura tenha lhe rendido

uma pontuação de 4.2, progressivos transtornos se desenrolam no decorrer da trama, fazendo com que sua nota sofra uma queda abrupta - o que faz com que ela passe a ser tratada de maneira muito diferente da que costumava ser em outrora. O momento em que Lacie procura um local especializado em aluguel de carros, depois de perder o voo para o casamento de sua “amiga” Naomi e ser expulsa do aeroporto, exemplifica bem essa situação:

O lugar em questão é formado por dois pequenos prédios de cor lilás, cada um possuindo uma grande janela com um balcão onde se encontra um atendente. Lacie está na fila de um dos prédios com sua mala de rodinhas. Ela olha para o prédio ao lado, do qual uma família acaba de sair, e vislumbra uma placa com os dizeres “Faixa especial para 4.0 ou mais” acima do atendente. Lacie faz uma expressão de irritação e, ao perceber que é sua vez de ser atendida, dirige-se ao balcão. Ela cumprimenta o balconista e diz que precisa de um carro. O atendente questiona se ela possui algum em mente, ao que ela responde que qualquer um serve. Com isso, o atendente esclarece:

— Devido à sua pontuação, só tem acesso à nossa frota supereconômica.

Na cena retratada acima, pode-se ter uma dimensão da segregação social às quais os personagens de ‘*Queda Livre*’ são constantemente submetidos, haja vista que, nela, o mesmo serviço é subdividido para atender as demandas daqueles com uma pontuação mais baixa de maneira diferente - e até mesmo em um outro espaço - daqueles de pontuação maior. Isso porque existe uma pré-concepção compartilhada de que pessoas de classificação mais baixa, como é o caso de Lacie nesse ponto do enredo, são inferiores e devem ter ao seu alcance apenas bens e serviços que sejam condizentes com a pontuação que possuem, traduzindo-se, portanto, em um comportamento preconceituoso.

Na perspectiva da cognição social, tal comportamento pode ser explicado pelo processo de percepção social, o qual diz respeito à forma com que os indivíduos interpretam uns aos outros a partir das informações que recebem do ambiente (Rodrigues et al., 2009). Nesse sentido, ao entrar em contato com uma pessoa, uma série de informações chega ao

sujeito que a percebe e, após isso, elas são processadas de acordo com os esquemas sociais que o mesmo possui (Rodrigues et al., 2009) - esses sendo compreendidos como conjuntos de crenças e sentimentos sobre o mundo (Baron & Byrne, 2002, citado por Rodrigues et al., 2009).

Por outro lado, diferentemente de Lacie, Susan não possui qualquer preocupação com o sistema de avaliações. Após a morte de seu marido, Tom, a mesma passou a falar o que deseja na hora que bem entende, sem o intuito de tentar parecer encantadora. Por conta disso, possui uma pontuação de 1.4, aspecto responsável por ser interpretada como alguém repugnante, antes mesmo de as pessoas conhecerem-na. Essa circunstância pode ser verificada no momento em que ela oferece uma carona à Lacie, após o carro que essa última alugara ficar sem energia.

Na cena, Lacie caminha apressadamente em uma calçada às margens de uma rodovia, empurrando sua mala de rodinhas durante a noite. Ela mantém o olhar fixo no campo de visão à sua frente enquanto uma carreta de cor acinzentada a acompanha. A carreta então para ao seu lado e Lacie para de caminhar ao mesmo tempo em que olha para o veículo.

Ao abrir a porta, ela vislumbra a imagem de uma senhora sentada no banco do motorista e um holograma que lhe mostra seu nome (Susan) e sua nota (1.4). Em seguida, Susan diz: “Parece que você precisa de uma carona”, ao que Lacie responde-lhe dizendo que está bem com uma expressão demonstrando desconforto. Com isso, Susan insiste: “Tem certeza? Vamos. Eu não mordo” e fecha a porta da carreta. Simultaneamente, Lacie olha ao seu redor.

Após isso, a cena corta para a protagonista já dentro do veículo em uma conversa com Susan. A senhora pergunta-lhe onde Lacie está indo e essa responde-lhe que “O mais próximo que você puder me deixar de Port Mary”, enquanto ri suavemente. Susan olha para a jovem e depois torna a olhar para a estrada. Lacie morde o lábio inferior e volta a direcionar sua atenção para seu celular, no qual está vasculhando as fotos do perfil de Susan. Observando tal comportamento da garota, a senhora questiona-lhe se está conferindo a possibilidade de ela ser perigosa em suas avaliações. Lacie leva um susto e volta a olhar para aquela. Susan prossegue: — Uma pessoa com nota 1.4 só pode ser uma maníaca antissocial, não é?

A cena exemplificada acima denota, novamente, um comportamento preconceituoso, dessa vez oriundo da parte de Lacie em direção a outra pessoa - no caso, Susan. Nessa circunstância, Lacie interpreta que Susan seja uma má pessoa antes mesmo de conhecê-la,

valendo-se da nota da senhora para chegar a tal conclusão. Ou seja, utilizando-se das informações que lhe foram apresentadas pelo ambiente, Lacie ativou os esquemas sociais que possui internalizados acerca de pessoas com nota 1.4, gerando uma primeira impressão da senhora que acabou por orientar suas ações e pensamentos em relação a mesma.

Dessa forma, verificou-se que, assim como no mundo real, em que os sujeitos são interpretados e estereotipados a partir das mercadorias que consomem, em '*Queda Livre*' as pontuações assumem esse papel de produto, servindo para orientar condutas e ideias que se tem de cada um - situação essa que vai ao encontro do que pontuam Oliveira e Machado (2021) quando dissertam que, mais do que bens para a garantia da subsistência humana, as mercadorias constituem-se como a própria identidade dos indivíduos, uma vez que esses são julgados não por aquilo o que são, mas sim por aquilo o que consomem.

Além disso, as interpretações do atendente na primeira cena, bem como de Lacie a respeito de Susan na segunda corroboraram com que Rodrigues et al. (2009) postulam acerca da percepção social, na medida em que tanto Lacie, quanto Susan foram alvos de julgamentos formulados a partir de informações disponíveis no ambiente. Sendo assim, influenciados pelos esquemas que possuem, o atendente rotulou Lacie como inferior e digna de um carro popular, ao passo que Lacie rotulou Susan como perigosa.

Comportamentos tendenciosos nas relações de amizade

A Psicologia Social descreve a tendenciosidade ao tratar da seletividade perceptiva. De acordo com Rodrigues et al. (2009), esse fenômeno é configurado como a concentração em determinado subconjunto de elementos e deriva-se da incapacidade de perceber todos os estímulos disponíveis ao mesmo tempo. Desse modo, nas relações de amizade, o sujeito tende a observar apenas qualidades em pessoas queridas, ao mesmo tempo que os aspectos negativos daqueles que são considerados inimigos permanecem sempre em primeiro plano.

Nessa perspectiva, a seletividade perceptiva é uma maneira de distorcer a realidade a fim de reforçar as próprias convicções, a qual pode ser muito bem observada na seguinte cena de

Black Mirror:

Após desligar uma chamada de vídeo realizada com Naomi, Lacie se apoia na bancada de sua cozinha expressando um ar de aflição. Seu irmão, Ryan, que testemunhara a conversa acalorada entre ambas, questiona o que havia acabado de acontecer. Lacie, ainda ofegante, pega a taça com bebida que estava sobre a bancada e bebe um gole.

Ryan pula o sofá da sala e caminha em direção à cozinha, enquanto questiona Lacie se ela e Naomi haviam virado amigas, ao passo que a jovem o rebate mandando que calasse a boca. Entretanto, o rapaz prossegue relembrando Lacie acerca de uma série de maldades cometidas por Naomi contra ela no passado:

— *Ela sempre foi má com você.*

— *Não, não foi. — retruca Lacie.*

— *Ela fez um rap falando mal de você. — relembra Ryan, ao mesmo tempo em que se aproxima da irmã.*

— *Foi uma brincadeira!*

— *E quando ela cortou o seu cabelo?*

— *Eu pedi.*

— *Ela trepou com Greg!*

— *Ela não trepou com Greg. — exprime Lacie enquanto solta uma risada e balança a cabeça em sinal negativo*

Com a referida cena, torna-se claro como a seletividade perceptiva é vigente na relação de Naomi e Lacie, visto que, mesmo diante dos fatos trazidos pelo irmão, Lacie nega as circunstâncias e ainda aceita ser sua dama de honra. Além disso, Leary et al. (1994) propõem o gerenciamento de impressões como o manejo de informações a fim de causar uma certa impressão no outro, podendo ser configurado como outra forma de comportamento tendencioso, uma vez que o sujeito tende a se comportar de determinada maneira. Sabendo disso, percebe-se como Lacie busca formar uma percepção definida para Naomi ao averiguar o cuidado que ela toma com a sua vestimenta antes de atender uma chamada de vídeo com a amiga e o seu contentamento ao vê-la depois de tanto tempo, mesmo com as humilhações relatadas pelo irmão. Entretanto, essa vontade surge da necessidade que Lacie possui em aumentar sua nota para conseguir comprar uma casa na Enseada dos Pelicanos, mostrando,

com isso, a sua verdadeira intenção.

Do mesmo modo, Naomi também busca criar certa impressão, tanto para Lacie durante essa chamada de vídeo, como para os próprios convidados do casamento. Alguns de seus recursos com Lacie são os elogios, o contentamento ao vê-la, a descrição do noivo, sua aliança e a casa onde acontecerá o evento. Posteriormente, Naomi assume suas intenções ao convidá-la para ser sua dama de honra e deixa claro quais eram as impressões que ela gostaria de promover aos convidados:

- *Quando eu te convidei, sua nota era 4.2. A autenticidade de uma amizade com alguém com pouco mais de 4 tinha ficado incrível nas simulações que fizemos. Teria subido uns 0,2. Agora você não tem nem três, sinto muito. É muito pouco, pode sujar a nossa reputação.*
- *Então você só ligava para números? - Lacie questiona.*
- *Não vem com essa merda, você também só ligava para os números. Você queria a avaliação dos valiosos. Nunca conseguiria obtê-los por conta própria - Naomi rebate.*

Assim como Leary et al. (1994) articulam, o gerenciamento de impressões é primordial para a vida social, entretanto, a falha desse processo, ou seja, a projeção de uma impressão indesejada, pode causar um sentimento aversivo também nomeado como constrangimento. O momento em que Lacie aparece no casamento com a maquiagem borrada e emocionalmente desestabilizada é uma nítida ocasião de constrangimento. Nessa situação, a personagem exprime uma impressão indesejada e, como consequência, recebe inúmeras avaliações negativas.

A conformidade nos comportamentos de tomada de decisão

Como dito anteriormente, a conformidade é uma forma de influência social que se configura quando um indivíduo é induzido a ter determinado comportamento. Diferentemente da mudança de atitude, que exige uma mudança interna, a conformidade implica a ação de um terceiro sob o indivíduo a fim de convencê-lo a mudar seu comportamento.

Nesse sentido, Kelman (2004, citado por Rodrigues et al., 2009) aponta três tipos de resposta à pressão social: quando a pessoa visa receber uma recompensa ou não ser punida, pode-se dizer que foi um ato complacente; entretanto, se a ação foi motivada por uma identificação com determinada figura, diz-se que o sujeito teve uma resposta de identificação; de outro modo, caso o indivíduo reflète a respeito do comportamento e muda por entender tal comportamento como justo, nesse caso, a resposta é mais permanente e é nomeada como internalização.

Durante o episódio em questão a conformidade esteve presente em diversos momentos, um dos mais marcante foi na cena a seguir:

Lacie está sentada em sua área de trabalho de frente para o computador quando um colega de trabalho aparece segurando uma bandeja de smoothies e lhe oferece um. Enquanto o rapaz afirma que trouxe as bebidas para todos do escritório, Lacie visualiza um holograma que lhe dá acesso ao nome do colega (Chester) e sua pontuação (3.1). Lacie demonstra uma postura rígida e preocupada e aceita uma das bebidas. Ao fazer isso, as demais pessoas do escritório encaram-na por cima das divisórias. Lacie se apressa e bebe um gole do smoothie exclamando um som de satisfação (“Hummm”). Simultaneamente, os demais trabalhadores encaram a situação. Em seguida, Lacie pega seu celular e avalia Chester, o qual parece aliviado com o gesto, agradecendo-a e indo embora.

Ao passar por um colega, esse imediatamente para de encará-lo e finge estar prestando atenção a seu computador. Em seguida, o mesmo se curva em direção à Lacie e explica que ninguém está falando com Chester pois ele e Gordon haviam terminado.

No mesmo instante Lacie exclama um som parecendo estar com pena acompanhada de uma expressão triste e afirma:

— Oh...tadinho...

— Não, estamos do lado do Gordon. — corrige o colega.

— Claro. É óbvio. — Lacie responde automaticamente.

Nesse caso, pode-se observar como Lacie rapidamente muda de opinião ao receber a informação de que o grupo estaria a favor de Gordon, como um claro conformismo. Outro ponto importante de ser notado é o poder de referência instituído nessa cena. French e Raven (1959, citado por Rodrigues et al., 2009) elencam 6 bases de poder que fortalecem a conformidade, sendo dois deles substanciais para a compreensão do presente episódio,

são eles:

Poder de referência

Essa base de poder é efetivada quando uma pessoa torna-se referência para outra, podendo ser de forma positiva ou negativa. Na cena descrita anteriormente, a referência estabelecida foi a negativa, visto que, em um momento subsequente:

Lacie chega na porta do prédio de seu trabalho e encontra Ches assustado por não conseguir entrar no escritório, já que sua nota está em 2.4. Lacie se recusa em ajudar, afirmando que está atrasada e entra apressadamente no prédio ao mesmo tempo que Ches implora por apenas uma estrela. Ao adentrar no prédio, Lacie se volta para fora com uma expressão de pena - sobrancelhas abaixadas, olhos levemente fechados, boca contraída formando uma linha - e observa Ches implorando mais uma vez.

Assim sendo, mesmo com o claro ímpeto de compaixão, Lacie decide não ajudá-lo, visto que ele tornou-se uma referência negativa, ou seja, o movimento causado é de distanciamento e repulsa, devido à conformidade estabelecida quando, ainda no escritório, ela recebe a informação de que todos estão ao lado de Gordon. Entretanto, o poder de referência positiva acontece de forma contrária, onde o indivíduo tomado como referência estabelece o desejo de aproximação. Poder esse que é devidamente exemplificado *durante o casamento de Naomi, quando Lacie o invade com os trajes rasgados, suja e com a maquiagem borrada para fazer seu discurso. Durante a fala, Lacie cita que “eu me espelhei em Naomi a minha vida toda”.*

Poder de recompensa

Esse poder se concretiza quando o indivíduo compreende que o outro pode intermediar alguma recompensa. Com isso, a conformidade acontece com o intuito de receber algo desejado. Uma maneira de visualizar esse poder em funcionamento é na cena que se situa em uma cafeteria:

Lacie está sentada sozinha na mesa e pega um biscoito branco em formato de um rosto sorridente com suas duas mãos, o observa, sorri, dá duas cuidadosas mordidas, formando um semicírculo na parte superior do biscoito. Em seguida, dá uma risada e

coloca na mão direita o conteúdo que estava em sua boca. A personagem posiciona o biscoito em cima do pires e ao lado do café e pega seu celular para tirar uma foto. Logo após, envia a imagem em sua rede social com os dizeres: “Cafê camurça com biscoito. Maravilhoso!”.

A seguir, Lacie segura a xícara com as duas mãos e leva-a à boca, tomando um gole do café, sua reação - sobrancelhas franzidas, cantos das boca voltados para baixo, e olhar de desprezo -, demonstra que o café não estava bom. Lacie devolve a xícara no pires e olha para a tela do seu celular, onde está escrito “Você foi avaliada” juntamente com a numeração que segue crescendo de 4.2(51) até 4.2(59). A personagem reage com uma expressão de contentamento (olhos entreabertos, cantos da boca voltados para cima, dentes à mostra, sobrancelhas relaxadas, mão no colo em sinal de surpresa), em seguida inclina ligeiramente a cabeça para o lado, olha para frente, corrige a postura ao mesmo tempo em que se olha para o lado esquerdo e abre um amplo sorriso.

Na referida cena, a personagem demonstra gratificação ao ser recompensada com as avaliações, mesmo que o café em si não estivesse “Maravilhoso” como ela havia designado. Nesse sentido, percebe-se o poder da motivação extrínseca na tomada de decisão, visto que a recompensa ao postar uma imagem do café com os dizeres “maravilhoso” e receber as avaliações positivas já se mostrou suficientemente significativa em detrimento da bebida realmente ser agradável.

Comportamentos de baixa autoestima na comparação dos estilos de vida

A partir da revisão de literatura, vislumbrou-se que o ambiente digital é responsável por propagar padrões nos quais o impossível e a falsidade convertem-se em objetos de desejo para seus usuários (Brunelli et al., 2019). Dessa forma, preferências que inicialmente podem parecer individuais, mostram-se, na verdade, produzidas por personagens da indústria cultural e que recebem o posto de referências a serem alcançadas (Brunelli et al., 2019).

Em ‘*Queda Livre*’, a questão da comparação entre o mundo real e o mundo virtual encontra-se na base das ações e da percepção que as personagens apresentam de si. Isso porque, utilizando-se daquilo que lhes aparece via redes sociais, bem como do sistema de avaliações, os indivíduos dessa utopia contrapõem o que possuem e vivenciam com aquilo o que os outros demonstram possuir e vivenciar, gerando, com isso, uma percepção sobre si

próprios permeada por comportamentos de baixa autoestima. Essa situação pode ser melhor ilustrada por meio dos fragmentos analisados e descritos a seguir.

Autoconceito

Com o desenrolar do episódio, vai se tornando cada vez mais evidente que Lacie possui uma percepção distorcida sobre si mesma. Por meio de falas e expressões corporais, a protagonista deixa transparecer uma constante insatisfação consigo, manifestando uma dificuldade em reconhecer suas próprias conquistas, associada a uma incessante necessidade de alcançar algo que confira significado a sua vida e a torne feliz - embora a própria revele não saber o que seria esse “algo”. Assim, observa-se que as vidas e pessoas “aparentemente perfeitas” que o sistema de avaliações constrói faz com que, pouco a pouco, Lacie internalize a ideia de que, para adquirir algum valor, é necessário seguir com uma determinada forma de existência. Essa questão pode ser melhor ilustrada pelo momento em que Lacie vasculha as fotos e vídeos do perfil de Naomi enquanto come um yakisoba em sua cozinha:

Utilizando uma espécie de tablet, Lacie observa atentamente as postagens de Naomi. Ela clica sobre um vídeo publicado pela jovem e desliza seu dedo sobre a tela do aparelho, avaliando a publicação com 5 estrelas. Em seguida, Lacie se depara com uma foto de Naomi e Paul e clica no rosto do mesmo. Ao fazer isso, Lacie é direcionada para o perfil do rapaz, vislumbrando algumas de suas postagens mais recentes.

Após isso, ela retorna para o perfil de Naomi, visualizando postagens com várias fotos dela e Paul. Em uma delas, Naomi está fazendo um coração com as mãos, o qual Paul está apontando com seu dedo indicador com uma expressão de assustado. A legenda da foto diz: “Lindo piquenique com pessoas lindas!” e Lacie desliza o dedo sobre a tela para avaliar a imagem ao mesmo tempo em que ri com a boca cheia de macarrão.

*Seguidamente, uma postagem de Naomi beijando seu noivo, Paul, em um fim de tarde surge diante de seus olhos. A legenda da publicação diz “Lindo pôr do sol **com Naomi Jayne Blestow**”. Novamente, Lacie clica sobre a foto e desliza o dedo sobre a tela avaliando-a. Imediatamente, sua expressão se torna séria enquanto encara a foto e suspira.*

Na cena retratada acima é possível verificar a vontade de Lacie em usufruir daquilo que Naomi expressa em suas redes sociais. Dito isso, percebe-se que a imagem de Paul

remete Lacie a uma percepção de incompletude a respeito de si mesma e, ao mesmo tempo, uma sensação de inferioridade em comparação à Naomi - como se o fato de essa possuir um relacionamento tornasse-a mais interessante ou mais bem-sucedida do que em relação à protagonista -, representando, por conseguinte, um comportamento de baixa autoestima em detrimento de comparações que estabelece entre seu próprio modo de vida e o de Naomi.

Nesse sentido, a cena em questão exemplifica o modo com que Lacie continuamente constrói um conceito de si baseado na contraposição entre aquilo que possui e o que lhe aparece pelas redes sociais. Acerca disso, a cognição social postula que o autoconceito é significativamente constituído por meio das comparações que o indivíduo estabelece com o mundo que o cerca, uma vez que abrange a percepção tanto de si próprio, quanto da forma como ele se relaciona e se compara com os demais indivíduos (Rodrigues et al., 2009).

Além disso, a Teoria dos Processos de Comparação Social de Leon Festinger (1954, citado por Rodrigues et al., 2009), pontua que os indivíduos possuem uma tendência de continuamente auto avaliarem suas opiniões e capacidades, a partir de comparações com uma realidade objetiva ou com terceiros. Contudo, frequentemente, as pessoas escolhidas para serem o alvo de tais comparações são aquelas que possuem certa notoriedade em algum(ns) aspecto(s), o que as transforma, por isso, em seres “superiores” ou em uma meta a ser alcançada (Rodrigues et al., 2009).

Tendo isso em vista, constata-se que Lacie produz o autoconceito que tem de si por meio de comparações que tece com Naomi, utilizando-a como uma referência para avaliar suas próprias competências e habilidades. Outrossim, uma outra situação que muito revela a respeito das comparações que Lacie estabelece durante sua vida e os impactos sobre a construção de seu autoconceito diz respeito ao final de ‘*Queda Livre*’, em que ela invade o casamento de Naomi, a fim de recitar o discurso que havia prometido no início do episódio:

Lacie se encontra com o cabelo revirado, a maquiagem borrada, o vestido

desajeitado e o corpo sujo de lama. Enquanto pega um microfone e pede a atenção de todos, os convidados olham-na fixamente e um silêncio se instaura no ambiente. Naomi cochicha no ouvido de seu recém-marido, Paul, para que ele a tire do local, dizendo que Lacie possui nota 1.1.

Na frente dos convidados, Lacie se apresenta e cumprimenta os noivos. Em seguida, começa a narrar seu discurso em homenagem à Naomi. Enquanto conta a história de como conheceu a “amiga”, os convidados cochicham entre si a respeito da cena. Naomi, ao perceber isso, mostra-se desconfortável, expressando um sorriso amarelo. Paul se levanta e começa a caminhar em direção à Lacie, a qual, ao se dar conta disso, começa a caminhar tentando se afastar do mesmo. Enquanto isso, ela declara ter se espelhado em Naomi sua vida inteira, visto que essa sempre se sentiu superior à própria Lacie.

Paul continua se aproximando, demonstrando uma expressão de desconforto com a situação. Lacie continua falando sobre sua relação com Naomi na época da escola, exaltando sua forma física e a forma como os meninos eram apaixonados por ela. Em seguida, Lacie continua:

— Eu era toda...[sons imitando um monstro]. — ela ri. — Era tipo...[sons imitando um monstro] passando pelos corredores da escola. — exprime ela enquanto faz o formato de uma bola ao redor de si com seus braços e ri de maneira escandalosa. Os convidados continuam a avaliá-la negativamente com seus celulares e Lacie começa a chorar. Ela olha para Naomi e torna a falar:

— E ela sempre me apoiou. Segurando o meu cabelo enquanto eu vomitava ajoelhada em frente à privada. — Lacie faz uma pausa e sorri. — Obrigada por isso, Naomi. Eu sempre quis ser você.

Na cena em questão, evidencia-se que Lacie considerava Naomi como uma meta a ser alcançada, uma vez que essa apresentava um padrão corporal considerado dentro dos padrões sociais e responsável por atrair a atenção dos meninos. Dessa forma, é por intermédio das comparações que Lacie continuamente estabelecia entre seu corpo e o da “amiga” que a mesma formulou um autoconceito negativo a respeito de si, o qual se traduziu em comportamentos de baixa autoestima que possuíam como objetivo último se aproximar dos padrões sociais para sentir ter algum valor ou mesmo para se sentir amada.

Portanto, verificou-se que os comportamentos de Lacie acima analisados foram ao encontro dos achados da literatura a respeito da construção do autoconceito e sua suscetibilidade às comparações com o meio social, haja vista que em ambas as cenas do episódio a protagonista demonstra ter um autoconceito de si influenciado negativamente pelas comparações que estabelece com o que vê em suas redes sociais. Como reflexo disso,

observou-se a manifestação de comportamentos de baixa autoestima por parte de Lacie, o que se mostra em conformidade, ainda, com o pensamento de Oliveira e Machado (2021), ao afirmarem que as tecnologias e mídias digitais interferem nas relações sociais, bem como na consolidação ou não de interações interpessoais e na percepção do sujeito sobre sua autoimagem.

Considerações finais

A partir do conteúdo anunciado no presente artigo, baseado na análise e discussão do episódio “Queda Livre” da série *Black Mirror*, o qual tem por principal mediador a classificação nas redes sociais, averiguou-se diversos aspectos da cognição social e suas nuances com as redes sociais. A fim de investigar como o sujeito constitui e é constituído por esse tipo de tecnologia, foram analisadas três personagens que revelaram por meio de seus gestos e falas uma forte conexão entre suas subjetividades e aquilo com que entram em contato no ambiente virtual.

O indivíduo está constantemente cercado pelas telas de aparelhos eletrônicos, seja para ver uma notícia, conversar com os familiares ou apenas passar o tempo. Entretanto, com o advento da pandemia mundial, o trabalho, a escola, os contatos e o lazer estavam - para boa parte da população - em um só lugar, o que causou um significativo aumento do uso dessas tecnologias. Tal fato justifica o presente artigo, o qual buscou compreender como as redes sociais dialogam com a cognição social.

Na sociedade contemporânea, vê-se surgir uma nova forma de divisão e segregação: além do dinheiro e bens, a quantidade de *likes* e seguidores aparece como um novo qualificador pessoal, fazendo brotar o preconceito de acordo com a importância estabelecida por esses meios. O episódio analisado mostrou como esses parâmetros virtuais são decisivos

para o julgamento, uma vez que é comum, ao conhecer uma nova pessoa, utilizar suas redes sociais, fotos, postagens e números como fontes de avaliação. Diante dessa verificação, as redes tornaram-se uma importante ferramenta para a produção de ideais. Bem como analisado nas cenas de Lacie, o comportamento tendencioso faz com que o indivíduo gerencie as impressões acerca de si, fabricando aquilo que é considerado mais desejado. Como consequência disso, manifesta-se a baixa autoestima, a qual é produto da constante comparação de estilos de vida proporcionada pelas redes.

Tendo isso em vista, as autoras ressaltam que a realização de estudos que se debruçam sobre o fenômeno da cognição social são extremamente importantes, especialmente no contexto atual de pandemia. Com isso, sugere-se a execução de pesquisas que versem acerca das redes sociais e de seus impactos para a cognição social e seus componentes, uma vez que tais estudos apresentam o potencial de auxiliar tanto na aquisição de uma melhor compreensão sobre tal processo, quanto na prática clínica de psicólogos e demais profissionais que atuam com a saúde mental, já que trazem contribuições para o entendimento das relações entre as redes sociais e o fenômeno da cognição com uma série de quadros psicológicos que se manifestam em decorrência de comparações entre o mundo real e o mundo virtual.

Além disso, em virtude da pandemia de COVID-19, tal estudo acabou sendo impossibilitado de ser realizado presencialmente, por isso, sugere-se também que estudos futuros acerca da temática sejam realizados de maneira presencial, uma vez que uma análise baseada somente na observação das cenas de uma série propiciam certas limitações para o processo de investigação científica - como a impossibilidade de captar todas as informações necessárias em virtude do enquadramento da cena e dos personagens, bem como o fato de os participantes tratarem-se de atores seguindo um roteiro prévio e não de pessoas manifestando sua subjetividade na espontaneidade do cotidiano, por exemplo.

Referências

- Alves, A. E. B., Andrade, G. S., Oliveira, J. A., Alves, J. B. & Brandão, N. P. (2020). O uso das redes sociais em época de pandemia - um estudo de caso aplicado em quatro escolas técnicas estaduais de Pernambuco. *Comunicação oral do quarto Congresso Internacional de Gestão e Tecnologias*.
<https://doi.org/10.31692/2596-0857.IVCOINTERPDVGT.0079>
- Asch, S. E. (1951). Effects of group pressure on the modification and distortion of judgments. In H. Guetzkow (Ed.), *Groups, leadership and men: research in human relations* (pp. 177-190). Carnegie Press. <https://psycnet.apa.org/record/1952-00803-001>
- Brooker, C. (2011, 1 dezembro). Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>
- Brooker, C., Reisz, B., & Jones, A. (Produtores executivos). (2011-2021). *Black Mirror* [série]. Zeppotron, & House of Tomorrow; Netflix.
- Brunelli, P. B., Amaral, S. C. S., & Silva, P. A. I. F. (2019). A autoestima alimentada por “likes”: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. *Revista Philologus*, 25(53), 226-236.
<http://www.filologia.org.br/rph/ANO25/73supl/19.pdf>
- Castells, M. (2003). Internet e Sociedade em Rede. In D. Moraes (org.), *Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder* (pp. 255-288). Record. Gil, A. C. (2008). Observação In Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (6º ed. pp. 100-108). Atlas.
<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de>

[pesquisa-social.pdf](#)

Leary, M. R., Tchividjian, L.R. & Kraxberger, B. E. (1994). Self-presentation can be hazardous to your health: impression management and health risk. *Health Psychology*, 13(6), 461-470. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.13.6.461>

Lira, M. & Silva, V. P. G. (2015) Motivação Intrínseca vs. Motivação Extrínseca: A Aplicação da Escala WPI no contexto do Setor Público Português. *Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade*, 5(4), 171-195.

<http://dx.doi.org/10.18028/2238-5320/rgfc.v5n4p171-195>

Mizael, T. M. & Rose, J. C. (2017) Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de Interpretação e Desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(3), 365-377.

<https://www.redalyc.org/journal/2745/274552568005/html/>

Montardo, S.P. (2019). Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. *Galaxia*, 41, 169-182.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019237688>

Nolen-Hoeksema, S., Fredrickson, B. L., Loftus, G. R. & Wagenaar, W. A (2012). *Cognição Social* In *Atkinson & Hilgard: introdução à psicologia*. (15th ed., pp. 606-632) Cengage Learning.

Oliveira, M. R., & Machado, J. S. A. (2021). O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7). 2663-2672. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08782021>

Oxford Languages. (2021). Tendencioso In *Oxford University Press*.

Ribeiro, F. (2011). Motivação e aprendizagem em contexto escolar. *PROFFORMA*, 3

http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf

Ricarte, E. (2020). A expansão do processo de digitalização durante a pandemia de COVID-19. *Finisterra*, 55(115), 53-60. <https://doi.org/10.18055/Finis20350>

Rodrigues, A., Assmar, E.M.L., & Jablonski, B. (2009). Cognição Social. In *Psicologia Social* (53-80). Vozes.

Silveira, M. D. P. (2004). Efeitos da Globalização e da Sociedade em Rede Via Internet na Formação de Identidades Contemporâneas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(4), 42-51. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000400006>